Analítica da midiatização esportiva: estratégias discursivas das colunas/istas Juca Kfouri e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014 na Folha de S. Paulo

Gilson Luiz Piber da Silva
Centro Universitário Franciscano
Universidade Federal de Santa Maria

Palavras-chave: Estratégias discursivas; Analítica; Colunas/colunistas; Midiatização; Copa 2014.

RESUMO EXPANDIDO

Consideramos a coluna jornalística, de modo geral, e as colunas esportivas de Juca Kfouri e Tostão publicadas no jornal Folha de S. Paulo, eleitas por nós como objeto de pesquisa de uma tese de doutorado no PPGCom da Unisinos, espaços singulares e recortados, com autoria, regularidade, temática, regras e enunciação próprias. São lugares de mediação, associados a práticas que se estruturam e se desenvolvem a partir de operações de sentido engendradas no âmbito enunciativo da cultura midiática. Também nos chamou atenção o fato de os dois colunistas não falarem só sobre futebol, com seus aspectos físico, técnico e tático, mas de outros assuntos - economia, política, cultura, sociedade. Os indícios e os primeiros observáveis das colunas nos levaram a formular o nosso problema de pesquisa nos seguintes termos: como se manifesta uma analítica da midiatização na esfera do jornalismo, a partir das estratégias discursivas e enunciativas das colunas de Juca Kfouri e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014, publicadas no Jornal Folha de S. Paulo?

Juca Kfouri e Tostão, atores sociais reconhecidos no jornalismo esportivo brasileiro, ao assinarem colunas para a Folha de S. Paulo, oferecem agendas singulares aos leitores na formação de suas ideias e de seus comportamentos. Ambos os colunistas adotam estratégias discursivas e enunciativas, segundo operações enunciativas que dão, às narrativas de suas colunas, singularidade, ao tratarem a temática da Copa em três momentos específicos, o antes, durante e após o certame. Assim, nossa motivação foi estudar as marcas e operações que emergiam dessa processualidade, algo que nos levou a formular a hipótese estudada, segundo a qual Juca Kfouri e Tostão faziam uma analítica singular da Copa de 2014 como acontecimento esportivo.

Tais elementos nos ensejaram, então, a formular o objetivo geral da pesquisa, que foi o de compreender as estratégias discursivas e enunciativas das colunas jornalísticas

esportivas escritas por Juca Kfouri e Tostão, na Folha de S. Paulo, sobre a cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 2014 no Brasil, a fim de descrever o funcionamento de uma analítica diferenciada sobre a midiatização da Copa de 2014.

Os objetivos específicos visaram a identificar as marcas das operações enunciativas utilizadas pelos dois colunistas, tendo em vista as temáticas abordadas nos textos; descrever como as duas colunas implicavam o atravessamento de práticas sociais em função dos episódios externos ao jogo em si; e apontar como se manifestava a produção discursiva dos dois colunistas, visando à produção de uma analítica da midiatização do acontecimento esportivo.

Para fins de entendimento do leitor sobre midiatização, nos valemos de uma definição de Fausto Neto (2008):

> A midiatização resulta da evolução de processos midiáticos que se instauram nas sociedades industriais, tema eleito em reflexões analíticas de autores feitas nas últimas décadas e que chamam atenção para os modos de estruturação e funcionamento dos meios nas dinâmicas sociais e simbólicas (FAUSTO NETO, 2008, p. 90).

A midiatização funciona, afeta e é afetada pelas práticas sociais diversas. Tal processo amplia a complexidade da sociedade. Por exemplo, a questão não é o que determinado jornal diz, mas que tipo de ação tenta fazer ou faz para dizer algo ao seu leitor.

A Copa do Mundo de Futebol é um macro acontecimento, de caráter mundial, que é construído por meio de intervenções de estratégias de diferentes campos sociais. Pode ser considerado um fenômeno cultural diverso porque seu desenvolvimento se dá através de uma complexa construção, envolvendo muitas operações, agenciamentos, transações etc. Tais fatores levam o jornalismo a lidar com esse acontecimento, segundo variadas motivações e perspectivas interpretativas. No caso dos colunistas, eles trabalham em termos de enunciação com uma analítica que se engendra nas discursividades que se manifestam em suas colunas durante os momentos da Copa – antes, durante e depois.

O argentino Eliseo Verón é o pioneiro na construção conceitual de midiatização no contexto latino-americano. Suas pesquisas servem de base para outros estudos, particularmente, os desenvolvidos no PPGCOM da Unisinos, ao qual nos filiamos. Segundo ele mesmo formula, da perspectiva histórica de longo prazo.

> A midiatização certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose. Essa capacidade foi progressivamente ativada, por diversas razões, em uma variedade de contextos

> históricos e tem, portanto, tomado diferentes formas. Entretanto, algumas das consequências estiveram presentes em nossa história evolucionária desde o início e afetaram profundamente a organização das sociedades ocidentais muito antes da modernidade (VERÓN, 2014, p. 14).

Verón (2012, p. 18) trata de deixar claro que a midiatização é a exteriorização de processos cognitivos que teria iniciado com a indústria da pedra e de "maneira plena na famosa revolução neolítica". Para ele, a midiatização tem características particulares nos últimos tempos e implica a materialização de processos cognitivos. A partir do raciocínio do autor, o processo de midiatização ainda está incompleto. Verón destaca que o desafio atual é compreender o papel dos dispositivos, pois sobre eles está calcado o conceito de midiatização. Para refletir sobre esse processo, o autor propõe o conceito de espaços mentais que se agrupariam e se aglutinariam graças aos dispositivos técnicos, o que seria uma consequência histórica.

Verón (2004) enfatiza que a midiatização não é um fenômeno abstrato, mas que afeta o funcionamento da sociedade e de todas as práticas sociais, ainda que de modo não uniforme.

Mata (1999) aproxima-se, de alguma forma, da perspectiva veroniana, ao destacar que o que acontece é algo mais amplo, uma mudança de paradigma, um novo modelo no desenho das interações sociais. A midiatização, nesse contexto, suscita o processo fundamental de compreender a transformação na qual uma ordem social se comunica, se reproduz e se transforma.

A midiatização, na ótica de Gomes (2015), é um conceito que descreve o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considera as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural. Grosso modo, midiatização significa ação de midiatizar, dar visibilidade, colocar na mídia. Porém, Gomes (2015, p. 33) destaca mais que isso, dizendo que "cada um lhe dá o significado (midiatização) que melhor lhe agrada... e o conceito de midiatização é tratado através de múltiplas vozes". Isso significa que existe uma atividade intensa de elaboração sobre tal conceito no mundo acadêmico, em termos recentes.

Braga (2012) percebe hoje a midiatização da sociedade como uma criação e recriação contínua de circuitos, nos quais, articulados com processos de oralidade e processos do mundo da escrita, os processos que exigem ou exercem intermediação tecnológica se tornam particularmente caracterizadores da interação. Diz que, na sociedade em midiatização, não são "os meios", ou "as tecnologias", ou "as indústrias culturais" que produzem os processos – mas sim todos os participantes sociais, grupos

ad-hoc, sujeitos e instituições que acionam tais processos e conforme os acionam (Braga 2012). O envolvimento vai além dos meios técnicos e coloca sujeitos e instituições no centro da processualidade, com ênfase para os circuitos e as interações estabelecidos entre as partes envolvidas.

Fausto Neto (2008) aborda a midiatização da perspectiva das práticas e dos ofícios jornalísticos. A midiatização, como possibilidade de ação tecno-discursiva-interpretativa que se institucionaliza crescentemente na sociedade, implica levar em conta dois aspectos: o processo crescente de autonomia e de transformação do campo midiático e que se manifesta na própria singularização das estratégias deste universo, enquanto um novo; e a compreensão que o próprio trabalho teórico tem sobre esses processos de autonomização e de transformação do campo midiático, sobretudo, dos seus efeitos, ao refletir sobre as transformações da sociedade dos meios na sociedade midiatizada (FAUSTO NETO, 2008). Ocorre a migração dos processos referenciais da realidade para outras práticas sociais, com atravessamento e afastamento por operações significantes, cujo emprego é condição para que as mesmas passem a ser reconhecidas.

Já Ferreira e Folquening (2010, p. 11) destacam o valor dos processos de midiatização, agrupados em três níveis: de comunicação, os dispositivos e os processos sociais. Para eles, "a midiatização são as relações e intersecções entre esses três níveis definidos a partir de aportes teóricos e epistemológicos".

Antes disso, Ferreira (2007b) desenvolveu um conceito de midiatização articulado a partir de três polos em relação de mútua determinação, formando uma matriz, que busca definir a midiatização por meio das relações e intersecções entre dispositivos (DISP), processos sociais (PS) e processos de comunicação (PC). Na visão de Ferreira (2007b, p. 2), "essa matriz primária indica um conjunto de relações possíveis de interpretação da midiatização", com a adoção do método histórico-dialético. Mesmo considerando tratar-se de um conjunto teórico (abstrato), o pesquisador comentou que, somente por uma abstração, é possível separar as três dimensões, que devem, num segundo movimento de análise, ser reintegradas para que possamos falar de midiatização.

No nosso entender, a analítica é uma atividade de leitura e de interpretação do mundo, conforme práticas que envolvem objetos vários, mas no caso, os dispositivos tecno-discursivos midiáticos. E, nestas condições, cada colunista, no caso em estudo, elege modelos e estratégias de leitura para ver a cena esportiva, ainda mais numa Copa do Mundo, acontecimento complexo cuja processualidade existe, pois o certame

estrutura-se em torno de um calendário que envolve três fases - um antes, um durante e um depois, segundo a mobilização de processos narrativos.

O período estudado da nossa pesquisa foi de 1º de janeiro de 2014 a 14 de agosto de 2014, com ênfase em três momentos da Copa do Mundo, o antes (de 1º de janeiro a 11 de junho), o durante (de 12 de junho a 13 de julho) e o depois do acontecimento esportivo (de 14 de julho a 14 de agosto). Nesta fase, foram publicadas cerca de 300 colunas de Juca Kfouri e Tostão. Deste total, elegemos um corpus de 178 colunas, levando em conta a extração de textos que abordavam a temática Copa do Mundo de 2014. Das 178, inicialmente, selecionamos 53 colunas. Na sequência, esse número caiu para 41 em virtude de marcas repetidas dentre as colunas escolhidas. O corpus final fechou em 30 colunas. A partir daí, definimos quatro categorias para análise***:*** **1) operações alusivas à midiatização 2) tematização explícita, 3) operações comparativas e 4) marcas interpretativas (avaliativas),** que foram identificadas nos materiais pré-observáveis.